

Brasil e Argentina fazem reunião e debatem dívida

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

Uma reunião de coordenação sobre assuntos relativos à integração econômica entre o Brasil e a Argentina deverá acontecer até o final deste mês. A dívida externa será um tema central da agenda bilateral. Dessa vez não para coordenar posições que coloquem os dois países frontalmente contrários às teses do FMI e dos credores, mas para prosseguir as discussões que começaram em Washington, quando foi criado o G-3, grupo que reúne Brasil, Argentina e México, os três maiores devedores da América Latina.

Segundo uma credenciada fonte do governo que participou da assembléia geral do FMI, embora o governo brasileiro não diga que pretende aceitar as regras do jogo do FMI e dos banqueiros internacionais (já aceitas pela Argentina e pelo México), porque teme criar problemas com o PMDB, espera-se uma atitude de união com esses dois países e com as Filipinas, país que deverá merecer por parte das autoridades norte-americanas condições especiais na negociação de sua dívida.

A mesma fonte comenta que o Brasil não deverá ficar isolado dos maiores endividados e, ao contrário, se unir ao Peru, um devedor radical, à Nicarágua ou a países africanos sem peso na cena mundial.

"A Argentina e o México não vão desafiar o sistema, vão negociar e alterar as condições dentro desse clube de devedores e credores. O momento não é para estar de fora e atirar pedra. A reunião do FMI deixou claro que há sinais inegáveis de mudança na atitude do sistema financeiro internacional. Os discursos do Camdessus (Michel Camdessus, diretor do FMI) e do Baker (James Baker III, secretário do Tesouro dos Estados Unidos) mostram que do ponto de vista formal — monitoramento

do FMI semestral — as condições estão próximas do que pedem os devedores, isto é, que não haja um programa de metas para ser avaliado a cada dois meses, como ocorreu na Argentina até há pouco tempo. Os argentinos ficaram exultantes com esse anúncio porque a medida se aproxima do artigo 4º dos estatutos do FMI que estabelece uma visita anual das autoridades do FMI ao país devedor", lembra a fonte.

Outra razão para o Brasil não desafiar o sistema financeiro nem se isolar da Argentina, do México e das Filipinas é sua atitude política em relação ao Japão, país que conta, no Brasil, um milhão de imigrantes que certamente, por este fato, deverá apoiar condições mais favoráveis para a negociação da dívida brasileira.

"Por que se afastar do Japão enquanto outros devedores podem usufruir da liquidez japonesa?", indaga a fonte.

— — —